
As redes de sociabilidade e a escrita feminina no Brasil do século XIX e XX: uma breve análise de produções (2010-2022)

Welingthon dos Santos Silva¹

 <https://orcid.org/0000-0002-5980-317X>

Kelly Lislie Julio²

 <https://orcid.org/0000-0001-6941-8446>

Resumo

Este texto estuda pesquisas, publicadas entre 2010 e 2022, interessadas na constituição, papel e importância das redes de sociabilidade para a publicação de escritos femininos nos séculos XIX e XX. Fez-se um mapeamento e análise a respeito da metodologia empregada, das principais referências, dos resultados e de suas conclusões. Percebeu-se que as redes de sociabilidade eram constituídas por homens e/ou mulheres ligados à escrita. As famílias tinham importante papel na formação e atuação das mulheres no mundo da escrita. A função de escritora estava, muitas vezes, atrelada à docência. Pode-se afirmar que as redes de sociabilidade foram fundamentais para a publicação e divulgação das produções femininas.

Palavras-chave: Redes de sociabilidade. Escrita feminina. Imprensa. Séculos XIX e XX.

Sociability networks and female writing in Brazil in the nineteenth and twentieth centuries: a brief analysis of productions

Abstract

This text studies research published between 2010 and 2022, interested in the constitution, role and importance of social networks for the publication of female writings in the nineteenth and twentieth centuries. There was a mapping and analysis about the methodology used, the main references, the results and their conclusions. It was noticed that the sociability networks consisted of men and/or women connected to writing. Families had an important role in the formation and performance of women in the world of writing. The function of writer was often linked to teaching. It can be said that the social networks were essential for the publication and dissemination of women's productions.

Keywords: Social networks. Female writing. Press. Nineteenth and twentieth centuries.

¹ Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz: welingthon.santos@discente.ufma.br.

² Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei: kellylislie@ufsj.edu.br.

Introdução

Atualmente, os estudos da escrita e publicações de mulheres brasileiras no século XIX e XX têm sido tema de debates e foco de diversas pesquisas na área da História da Educação brasileira, antes voltados à literatura predominantemente masculina (Buitoni, 1981; Castello Branco; Brandão, 2014; Coelho, 1993; Dalcastagnè, 2012; Duarte, 2016). Tais investigações buscam dar visibilidade às mulheres que contribuíram com a memória social, política, cultural e econômica bem como proporcionar uma compreensão da ocupação de espaços pelo grupo feminino, além de nos dar um maior vislumbre da sociedade brasileira do passado.

O reconhecimento literário das mulheres ocorreu inicialmente por meio da imprensa, sendo, então, o principal meio de publicação de seus trabalhos intelectuais, que, conforme Duarte (2016), configurou-se como espaço de aglutinação, divulgação e resistência. Naquele tempo, contribuir com os periódicos tornou-se algo imprescindível para qualquer escritor, homem ou mulher, por proporcionar, além de um abono financeiro, um elo direto com os leitores e maior notoriedade. Nessa perspectiva, os periódicos não se apresentavam apenas como simples arquivos de escritos, mas também como uma forma de aperfeiçoamento e mudanças na sociedade, em que os papéis de homens e mulheres foram se definindo até a estrutura social contemporânea.

Neste texto, faz-se um levantamento e estudo de pesquisas interessadas em investigar como eram constituídas, o papel e a importância das redes de sociabilidade para a publicação de escritos femininos durante os séculos XIX e XX, sejam obras completas ou outras formas de escritos, por exemplo, fragmentos na imprensa brasileira. Para tal, foram mapeadas as publicações dos últimos 12 anos (2010-2022) que se dedicaram a pensar a referida temática.

A proposta com este mapeamento é, primeiramente, fundamentar a reflexão a respeito da publicação das escritas femininas produzidas na segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Nossa intenção é contribuir para as discussões que têm sido feitas sobre o papel das chamadas redes de sociabilidade para a efetivação das publicações femininas.

Partimos da concepção defendida por Sirinelli (2003), segundo a qual as redes de sociabilidades podem ser entendidas enquanto relações sociais, as quais permitem o compartilhamento de ideias e objetivos comuns. Conforme o autor, a palavra “rede” indicaria as estruturas sociais em que ocorreriam as sociabilidades. Nesses termos, a proposta é pensar e

focalizar nas redes que resultaram em publicações de textos femininos, numa tentativa de mostrar como a convivência em certos espaços e o compartilhamento de determinadas ideias e objetivos por alguns homens e mulheres possibilitaram a publicação de escritos femininos.

Para além dessa proposta, a reflexão sobre redes de sociabilidade serve como pano de fundo para uma pesquisa maior, que tem buscado pensar a vida e a obra da professora e escritora sertaneja maranhense Carlota Carvalho, que viveu entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Carlota Olímpia de Carvalho foi uma professora de primeiras Letras, pesquisadora, escritora e intelectual sertaneja maranhense que viveu entre 186?-1948³. Ficou conhecida pela publicação de *O Sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil*, em 1924, na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, foi colaboradora do periódico o *Diário de São Luiz* (1924-1925), conforme Lima (2021).

Silva (2021), em estudo sobre o protagonismo da professora e escritora sertaneja maranhense Carlota Carvalho, expõe alguns dados sobre sua trajetória de vida, família, educação e carreira docente. O autor destaca que Carlota Carvalho acionou suas redes de sociabilidade para a publicação de seus escritos. Entretanto, faz-se necessário aprofundar a análise dessas relações.

É nessa perspectiva que a reflexão sobre estudos interessados em objetivos similares faz-se importante. Isso porque, com o presente texto, torna-se possível evidenciar de que maneira os principais resultados e os referenciais teórico-metodológicos têm sido eleitos para refletir a respeito das redes de sociabilidade.

As redes de sociabilidade e a publicação de escritos femininos: o que dizem as pesquisas

O mapeamento das produções ocorreu a partir da análise de trabalhos publicados entre 2010 e 2022, por meio de uma varredura realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), quando foram identificadas 11 produções distribuídas entre dissertações de mestrado e teses de doutorado. No Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), foram identificadas 14 produções

³ A data e o ano exato de nascimento de Carlota Carvalho ainda são incertos. Entretanto, conforme publicação no jornal *O Paiz*, de 30 de abril de 1878 (p. 1), dados relacionados a um testamento levam-nos a inferir que ela pode ter nascido na década de 1860, devido à idade informada da jovem Carlota e ao ano de publicação da reportagem. Essa matéria também é o primeiro registro do nome completo de Carlota na imprensa, de acordo com o levantamento executado no banco de dados da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

distribuídas entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, bem como 17 artigos em periódicos⁴.

Para a pesquisa nesses espaços, foram utilizadas palavras-chave como: redes, sociabilidade, redes de sociabilidade, escritos femininos/mulher(es), livro/imprensa, séculos XIX e XX. Foram identificadas 42 produções que, em alguma medida, contêm alguns dos elementos apontados para essa primeira etapa da investigação. De posse das 42 publicações, a próxima etapa consistiu na leitura dos títulos e resumos.

A partir do *corpus* reunido e da leitura dos títulos e resumos, buscamos estabelecer algumas aproximações e distanciamentos dessas produções. Percebemos que a maioria dos trabalhos trata das redes de sociabilidade feminina, mas se voltam para as discussões de gênero no século XXI e as relações sociais de mídia, redes sociais, ou seja, na atualidade, o que foge do pretendido neste trabalho.

Assim, desse exercício, foram selecionadas seis publicações que mais se aproximavam com a temática que tem sido abordada na pesquisa de mestrado em curso. Foram eleitas aquelas investigações que problematizam as sociabilidades, a educação feminina e representatividade da mulher na escrita ou leitura no século XIX e XX. No Quadro 1, constam alguns dados dos trabalhos selecionados:

Quadro 1 – Produções analisadas

Tipo de texto	Autor(a)	Título	Ano de publicação
Tese	Keyle Samara Ferreira de Souza	<i>Alba Valdez: a palavra das mulheres na história da literatura e da imprensa cearense</i>	2019
Tese	Valnikson Viana de Oliveira	<i>Mulher de letras em relicário de papéis: itinerário de Zalina Rolim na imprensa periódica entre os séculos XIX e XX</i>	2021
Artigo	Lucia M. A. Ferreira	“Representações da sociabilidade feminina na imprensa do século XIX”	2010
Artigo	Alex dos Santos Guimarães	“Sob a pena de Júlia: sociabilidades intelectuais, imprensa e poder no entresséculos (XIX-XX)”	2017

⁴ O endereço eletrônico da BDTD é: <https://bdt.d.ibict.br/vufind/>. O do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes é: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Já os endereços eletrônicos visitados para a identificação dos artigos são: <https://www.scielo.br/jj/rh/a/VTTrtWBLKthbMQp5mLBVvGLp/?format=pdf&lang=pt>; <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v20n67/1981-416X-rde-20-67-1582.pdf>; <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/375>; <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/267>.

Artigo	Amanda Sousa Galvínio e Jean Carlo de Carvalho Costa	“Formação educacional e redes de sociabilidade intelectual de Eudésia Vieira na Paraíba (século XX)”	2020
Artigo	Cristiane Ribeiro	“Chegou a hora de na imprensa apresentarmos: mulheres e os óbices profissionais no jornalismo, Rio de Janeiro, século XIX”	2022

Fonte: Elaborada pelos autores.

Nas produções sintetizadas no Quadro 1, o recorte temporal abarca majoritariamente o século XIX e a primeira metade do XX. Notamos, ainda, a prevalência da metodologia de pesquisa documental com abordagem qualitativa por meio da análise do discurso dos escritos femininos publicados principalmente na imprensa brasileira ou em formato de livro no período supracitado.

Percebemos também que não houve um período de predominância das produções. Entretanto, no levantamento, as publicações se concentram nos últimos cinco anos do período eleito para a investigação, entre 2017 e 2022. Outro fato interessante: as mulheres analisadas nas produções pertencem cada uma a um estado da federação, a saber: Alba Valdez, Ceará; Eudésia Vieira, Paraíba; Zalina Rolim, São Paulo; e Júlia Lopes de Almeida, Rio de Janeiro.

A maioria dos trabalhos apoia-se nos aportes teóricos de Sirinelli (2003) para conceituar “redes de sociabilidade”, bem como em Bourdieu (2002) para pensar as relações sociais e de poder entre homens e mulheres. Além disso, citam-se autores já consolidados sobre temáticas como a trajetória de vida e a representatividade feminina na imprensa, como Duarte (2016), Sodré (1983), Telles (2012) e Zilberman (2007).

Aproximando-se dos interesses propostos no presente texto, destacamos, inicialmente, duas teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Resguardadas as especificidades de cada produção, percebemos, em ambas as teses, uma tentativa de evidenciar a conquista do espaço público pelas mulheres mediante a escrita literária em periódicos, bem como o reconhecimento da imprensa como principal veículo de divulgação de escritos femininos propiciado pelas redes de sociabilidade.

A primeira delas, de autoria de Keyle Samara Ferreira de Souza, intitulada *Alba Valdez: a palavra das mulheres na história da literatura e da imprensa cearense*, foi defendida em 2019. Nela, a autora rastreia a inserção da escritora, jornalista e professora Alba Valdez, pseudônimo

utilizado por Maria Rodrigues Peixe, na história da literatura e da imprensa no Ceará. Alba Valdez era natural de São Francisco de Uruburetama, hoje Itapagé, interior do Ceará. Nasceu em 12 de dezembro de 1874. Pouco depois, mudou-se com a família para Fortaleza, pois esta era composta por retirantes da grande seca de 1877 a 1879. Na capital cearense, Alba Valdez estudou, formou-se professora, escreveu e publicou em periódicos, livros e revistas, também participou de importantes instituições intelectuais e literárias. Ela foi a primeira mulher a conquistar uma cadeira na Academia Cearense de Letras.

A partir dessa investigação, a pesquisadora analisa a escrita literária e jornalística da mulher no Ceará, durante os séculos XIX e XX, estuda a história das mulheres por meio de Perrot (1991, 1998, 2005), Käppeli (1991), Falci (2011), D'incao (2011) e, ao mesmo tempo, estabelece um paralelo com a realidade das mulheres cearenses. Numa tentativa de evidenciar a conquista do espaço público pelas mulheres mediante a escrita literária nos periódicos cearenses bem como evidenciar a imprensa enquanto lugar da palavra das mulheres no Ceará, utiliza também as contribuições de Ketterer (1996), Cunha (2008) e Duarte (2016).

Para os interesses de nosso estudo, especialmente, destaca-se o exercício feito pela autora, fundamentado em Sirinelli (1996), Shueler (2008) e Teixeira (2011) quando faz uma abordagem social de grupos de intelectuais com interesses em comum: a análise documental de fontes primárias e dos discursos e memórias da própria Valdez a partir de suas publicações entre 1889 e 1956 assim como dos jornais dos séculos XIX e XX. Em seus escritos, a autora defende a ideia de que as mulheres alcançaram o espaço público devido às redes de sociabilidade em que se inseriram ou foram inseridas.

No que se refere às publicações, demonstra que, assim como outras mulheres, Alba Valdez publicou suas produções por meio de sociabilidades intelectuais. Segundo a autora, tais redes se constituíram, sobretudo, na Escola Normal cearense, local em que Valdez se tornou professora. A escola foi ainda o espaço para sua inserção em outros ambientes, como a imprensa, já que teve a oportunidade de publicar seus escritos mediante o jornal *O Orvalho* (1888).

Conforme Souza (2019), o estabelecimento de redes de sociabilidade tornou possível a publicação da produção de Alba Valdez na imprensa. Foi inclusive na imprensa que ela conviveu com outra escritora e jornalista cearense, Francisca Clotilde, sua antiga professora, que fomentara seu trabalho pelo exemplo de escrita e pela publicação em periódicos. Ainda segundo Souza (2019), as redes de sociabilidade constituídas por Valdez, a partir da imprensa, ampliaram-

se para outros estados, permitindo a publicação de seus escritos em jornais do Pará, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, da Bahia e do Rio de Janeiro. Tais fatos possibilitaram que Alba Valdez se relacionasse com outras mulheres, de forma que, juntas, adquirissem mais força para a exposição de suas produções literárias no espaço público da imprensa.

A segunda tese defendida no mesmo Programa da UFPB foi de autoria de Valnikson Viana de Oliveira e foi intitulada *Mulher de letras em relicário de papéis: itinerário de Zalina Rolim na imprensa periódica entre os séculos XIX e XX*, defendida em 2021. O autor investiga a participação da escritora Zalina Rolim (1869-1961) na imprensa periódica brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX. Zalina Rolim nasceu em uma família abastada em Botucatu, no estado de São Paulo, em 20 de julho de 1869 e morreu em São Paulo, em 24 de junho de 1961. Foi uma educadora, professora, alfabetizadora e poetisa e escreveu em diversas revistas femininas, como *A Mensageira*, *O Itapetininga*, *Correio Paulistano* e *A Província de São Paulo*. Traduziu obras em inglês e italiano. Colaborou na *Revista do Jardim da Infância* com traduções, adaptações e produções originais de Pedagogia, ficção e poesia. Foi uma das precursoras da poesia infantil do país. Publicou: *O coração*, em 1893; *Livro das crianças*, em 1897; e *Livro da Saudade*, em 1903.

Destacamos nessa tese, especialmente, o capítulo sobre as redes de sociabilidade. As considerações do autor nos fornecem um campo de observação privilegiado, já que evidenciam as redes da escritora desde sua infância, em sua família, até os contatos com os pares intelectuais na fase adulta, além de sua inserção no mundo educacional e intelectual. Nessa análise, o autor identifica as pessoas que participavam das redes de sociabilidade e que contribuíram para a publicação dos escritos de Rolim.

Para fundamentar sua proposta de estabelecer um paralelo social e intelectual de pares das redes de Zalina Rolim formadas durante sua trajetória de vida, Oliveira (2021) partiu dos escritos de Sirinelli (2003), além de autores como Eleutério (2005), Paixão (1991), Muzart (2003, 2004, 2009) e Telles (2012) para pensar sobre a inserção das mulheres no mundo da escrita e o impacto intelectual na sociedade por meio desses escritos. Destaca-se, ainda, as contribuições de Barbosa (2007) para compreender como ocorreu a apropriação da cultura escrita feminina no período estudado.

Mas, além dos dois trabalhos indicados acima, cabe tecermos mais algumas considerações sobre quatro artigos identificados, dedicados a pensar sobre as redes de sociabilidade feminina. Esses artigos abordam as redes de sociabilidade, sobretudo, para a

publicação dos escritos femininos no século XIX e XX. Além disso, analisam o impacto das redes a partir da trajetória de vida de mulheres que tiveram destaque na sociedade como escritoras.

O artigo de Lucia M. A. Ferreira (2010), intitulado “Representações da sociabilidade feminina na imprensa do século XIX”, publicado em 2010, tem um foco maior da sociabilidade por meio da imprensa. A autora reflete sobre o discurso jornalístico comparado ao discurso da história e às narrativas a partir das quais as mulheres se posicionaram diante do mundo em que viviam.

Para tanto, a autora descreve brevemente as condições sócio-históricas em que se fundou a imprensa brasileira, e identifica, a partir de práticas discursivas, marcas da construção da imagem da mulher em periódicos de dois momentos históricos diferentes do século XIX. O primeiro é o período joanino (1808-1821), representado pelos periódicos *Gazeta do Rio de Janeiro*, que circulou entre setembro de 1808 e dezembro de 1822, no Rio de Janeiro, e *Correio Braziliense*, que circulou entre junho de 1808 e dezembro 1822, na mesma cidade. Há também o momento que contempla a segunda metade do século, com o periódico o *Jornal das Senhoras*, uma publicação ilustrada, voltada ao público feminino, que contemplava temas sobre moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica, fundada em 1852 na Bahia, que circulou de 1852 a 1855.

A autora também reafirma que a imprensa, como meio de comunicação, produziu “uma ideia de história”, pois, ao registrar os fatos do cotidiano, participou de operações discursivas, elos sociais, ou seja, movimentos orientados por mecanismos de ideologia e de sociabilidade intelectual, que permitiram (re)interpretações, pois, se, por um lado, “a memória pode ser vista como uma conquista, é preciso que a reconheçamos também como objeto e instrumento de poder” (Ferreira, 2010, p. 4).

Para sua proposta, Ferreira (2010) utiliza autores como Bicalho (1989), Buitoni (1990), Sodré (1999), Ipanema (2001), Priore (2000), Morel e Barros (2003) e Telles (2012). Conforme a autora, a representação feminina foi mudando ao longo do século XIX, e as relações sociais constituídas a partir das redes foram essenciais para uma reconfiguração no pensamento literário e a valorização dos escritos femininos no século XIX.

Já no artigo intitulado “Sob a pena de Júlia: sociabilidades intelectuais, imprensa e poder no entresséculos (XIX-XX)”, publicado em 2017, de Alex dos Santos Guimarães, há uma correlação entre a vida e a obra da intelectual e escritora Júlia Lopes de Almeida, escritora, cronista, teatróloga e abolicionista brasileira, além de uma das idealizadoras da Academia

Brasileira de Letras (ABL). Nascida no Rio de Janeiro, em 24 de setembro de 1862, mesmo local em que faleceu, em 30 de maio de 1934, Júlia Lopes de Almeida teve uma grande e importante produção para a literatura brasileira, incluindo obras de literatura infantil, romances, crônicas, peças de teatro e matérias jornalísticas. Para o texto, o autor utiliza como fontes primárias os escritos da autora na imprensa paulistana e carioca.

Destacamos, sobretudo, nessa análise, o papel desempenhado pelas redes intelectuais de sociabilidade para a escritora e a publicação de suas obras na imprensa dos séculos XIX e XX. A respeito das redes de sociabilidade, Guimarães (2017) defende a ideia, baseando-se em Thompson (1978), de que elas surgem das experiências, dos valores e das relações sociais vividas pelos indivíduos que possuem objetivos em comum. Além de Thompson, Guimarães (2017) baseia sua leitura nas contribuições de Sirinelli (2003) para refletir sobre as redes de sociabilidade, mesmo referencial teórico utilizado pelas duas pesquisas apontadas anteriormente.

Conforme o autor, foi a partir das redes que as mulheres alcançaram maior visibilidade, permitindo uma ampliação da produção de suas escritas e consequente publicação. Especificamente sobre Júlia Lopes de Almeida, Guimarães (2017) destaca que a escrita da autora surgiu a partir do momento em que ela se inseria em um contexto de oportunidades propiciado por sua família, já que esta era abastada. Baseando-se em Engel (2009), o autor destaca que a escritora cresceu em um lar onde se respirava arte, literatura e ciência, o que assegurava sua inserção no mundo intelectual e artístico de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. A escritora contribuiu, ainda, para diversos periódicos como cronista, articulista, além de ter alguns romances publicados em folhetins. De acordo com o autor, as redes de sociabilidade da escritora surgiram especialmente em razão de certos momentos em família e dos sarais da época, frequentados pela comunidade intelectual carioca na qual Júlia Almeida se inseria.

Foi analisado ainda o artigo “Formação educacional e redes de sociabilidade intelectual de Eudésia Vieira na Paraíba (século XX)”, publicado em 2020. Os autores, Amanda Sousa Galvêncio e Jean Carlo de Carvalho Costa, dedicam-se a fazer um paralelo entre a vida e a obra de Eudésia (1894-1981) — que foi professora, jornalista, poetisa e médica — e suas redes de sociabilidade, buscando entender como se deu sua formação educacional, além de seus deslocamentos nos espaços de sociabilidade intelectual, nas primeiras décadas do século XX, no estado da Paraíba.

Para isso, os autores também ampliam a compreensão para além da narrativa individual, ou seja, tecem paralelos com outras trajetórias femininas do mesmo período, elegem, assim, outras mulheres que ocuparam a cena pública do estado da Paraíba e que atuaram como professoras e como intelectuais na grande imprensa. Entre essas mulheres, destacam-se, além de Eudésia Vieira, Catharina Moura, Analice Caldas e Olivina Oliva. Para a escrita, as fontes utilizadas foram, prioritariamente, os textos escritos pela autora, sobretudo na imprensa, os escritos biográficos e autobiográfico, com o objetivo de localizar a personagem no emaranhado das teias sociais de sua trajetória. Apresenta-se, ademais, dois elementos: a autobiografia e as relações de poder.

O artigo divide-se em três seções. Na primeira, os autores discorrem sobre a estreita relação entre a escrita feminina e o gênero literário da biografia e da autobiografia como fonte para compreender a História das Mulheres. Na segunda, abordam a formação escolar de Eudésia Vieira e a importância da religião católica na conformação do papel feminino. Na terceira, procuram entender a inserção da escritora paraibana nas redes de sociabilidade intelectual, buscando identificar os projetos coletivos que pautavam o debate público no período.

Para abordar a questão das redes de sociabilidade, os autores elencam as contribuições de Bourdieu (1998) e Sirinelli (2003) e, a partir das concepções dos dois autores, analisam a participação de Eudésia nas redes de sociabilidade, especialmente sua colaboração na publicação de escritos de outras mulheres. A noção de redes é utilizada, ainda, para evidenciar o percurso da formação intelectual da professora Eudésia ao destacar alguns sujeitos que fizeram parte desse processo.

Finalmente, no artigo intitulado “Chegou a hora de na imprensa apresentarmos: mulheres e os óbices profissionais no jornalismo, Rio de Janeiro, século XIX”, de autoria de Cristiane Ribeiro (2022), a proposta da autora é discutir as relações sociais das mulheres para a publicação de seus escritos. A pesquisadora procura problematizar as relações sociais e o impacto delas para a publicação dos escritos femininos e, para tal, reflete a respeito de uma epistemologia feminista. Ribeiro (2022) aponta a constituição de desigualdades e hierarquias que excluíram as mulheres do acesso igualitário ao universo impresso e a imprensa do século XIX, no Rio de Janeiro, especialmente o caso de Júlia de Albuquerque Sandy, escritora e jornalista que fundou, na capital brasileira, em 1862, o periódico *Belle Sexo*.

Metodologicamente, a autora do artigo analisa os escritos de Júlia Sandy por meio das publicações da escritora na imprensa, em especial, no citado periódico. A intenção trazer é apresentar uma visão feminista e uma percepção do pioneirismo por parte de Júlia Sandy em discutir questões de gênero, além das relações de poder em seus textos. Está presente no artigo a discussão sobre a importância das relações sociais para a publicação dos escritos de Júlia Sandy. Além disso, foram destacados alguns desafios vivenciados pela escritora com relação a aceitação de seus escritos, principalmente, por parte dos homens.

São utilizadas para fundamentar o artigo autoras como Duarte (2009, 2016), Muzart (1999, 2004, 2009, 2003), Scott (1995), Smith (2003) e Telles (1992). Elas escrevem sobre essas relações de poder, as relações sociais, o tipo de escrita de mulheres e de suas publicações na imprensa, como é o caso dos textos de Júlia Sandy, que, conforme a autora do artigo, reivindicavam a ocupação dos espaços de escrita de mulheres na imprensa.

Destacamos, de um modo geral, que os trabalhos analisados nos mostram aspectos ligados à realidade das mulheres do século XIX que publicavam seus escritos na imprensa brasileira por meio de suas redes de sociabilidades intelectuais. Nas produções analisadas, tais redes eram formadas majoritariamente por homens, já que eram eles que ocupavam os diferentes espaços na literatura e na imprensa. Por outro lado, havia sim redes formadas por mulheres, como é o caso de Alba Valdez, analisado por Souza (2019).

A partir desse primeiro levantamento, foi possível perceber que havia temas comuns entre as mulheres eleitas pelas produções investigadas. Alba Valdez no Ceará, Eudésia Vieira na Paraíba, Zalina Rolim em São Paulo e Júlia Lopes de Almeida no Rio de Janeiro, por exemplo, foram mulheres que, além de crônicas, escreviam sobre o cotidiano e o protagonismo feminino na sociedade.

Outro ponto importante evidenciado nas produções foi o lugar socioeconômico ocupado por essas mulheres. Praticamente, todas aquelas que se tornaram objeto de estudo nas pesquisas aqui analisadas eram de famílias abastadas, com exceção de Alba Valdez. Além disso, elas exerceram a profissão de professoras, excetuando Júlia Lopes de Almeida, o que muito contribuiu para as relações de sociabilidade.

Finalmente, cabe sublinhar que, nas produções, os autores utilizam como referencial teórico, majoritariamente, as contribuições de Sirinelli (2003) para refletir a respeito das redes de sociabilidade. Sobre a escrita das mulheres dos séculos XIX e XX e a publicação feminina na

imprensa, a principal referência é Duarte (2016). Já quanto às fontes, as publicações das próprias mulheres analisadas ocupam lugar de destaque, servindo como ponto fundamental para a articulação entre o contexto vivido na época por cada uma das autoras eleitas e as particularidades experimentadas.

Considerações finais

Com o mapeamento e a análise dos trabalhos, foi possível perceber que as publicações de escritos femininos se relacionavam, de certo modo, às redes de sociabilidade, assim como à trajetória de vida dessas mulheres que tiveram destaque intelectual e literário na sociedade. Também as vivências e experiências dentro do lar (família) favoreceram a formação educacional e intelectual de mulheres e as futuras relações sociais delas.

Constatamos que, na maioria dos trabalhos analisados, as mulheres escritoras foram geralmente professoras. Assim, publicavam cartilhas, livros, e, para tal, utilizavam-se de estratégias variadas, tais como suas relações sociais. Os artigos, alinhados a outras pesquisas, evidenciam que essas mulheres utilizavam a imprensa como veículo de divulgação e publicação de suas produções textuais. Além disso, demonstram que muitos dos escritos femininos abordavam aspectos vivenciados na sociedade e na época em que suas autoras estavam inseridas, o que, claro, atraía leitores e leitoras.

Todavia, é necessário esclarecer que as mulheres dos trabalhos analisados pertenciam a famílias de posses, com exceção de Alba Valdez, oriunda de uma família de retirantes. E essas mulheres abastadas, conseqüentemente, frequentavam espaços onde havia sarais, declamação de poesias, leitura de obras e interpretações teatrais; espaços esses onde as sociabilidades intelectuais aconteciam e as redes se formavam, havendo oportunidades para a publicações de textos. As redes eram formadas, em sua maioria, por intelectuais homens que contribuíram para que as publicações femininas ocorressem.

Os trabalhos reunidos e eleitos para a análise mais detalhada versam sobre a história de vida e obra de mulheres escritoras que deixaram marcas na história com seus protagonismos. As investigações partem, quase sempre, de fontes primárias das próprias produções publicadas das intelectuais estudadas.

Cabe destacar, finalmente, que este levantamento se mostrou fundamental, pois os trabalhos analisados contemplam elementos importantes para a investigação que tem sido proposta sobre Carlota Carvalho. Eles servem de base para nos mostrar, por exemplo, como as relações sociais existentes e, conseqüentemente, a formação dessas redes de sociabilidade favoreceram e contribuíram para que os escritos femininos fossem publicados nos séculos XIX e XX. Além disso, as análises realizadas podem ajudar a refletir sobre os impactos sociais, políticos, econômicos e educacionais das publicações dos escritos de mulheres em formatos de livros e, sobretudo, na imprensa, como as obras da escritora eleita.

Referências

- BORDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2002.
- BUITONI, D. H. S. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.
- CASTELLO BRANCO, L.; BRANDÃO, R. S. *A mulher escrita*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- COELHO, N. N. A presença da mulher na literatura contemporânea. In: COELHO, N. N. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993. p. x-y.
- DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos avançados*. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>
- DUARTE, C. L. *Imprensa feminina e feminista no Brasil (Século XIX): dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FERREIRA, L. M. A. Representações da sociabilidade feminina na imprensa do século XIX. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 7, n. 2. p. 1-16, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/267> Acesso em: 1 mar. 2024.
- GALVÍNCIO, A. S.; COSTA, J. C. C. Formação educacional e redes de sociabilidade intelectual de Eudésia Vieira na Paraíba (Século XX). *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 20, n. 67, p. 1582-1608, out./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416x.20.067.ds05>

GUIMARÃES, A. S. Sob a pena de Júlia: sociabilidades intelectuais, imprensa e poder no entresséculos (XIX-XX). *Revista Eletrônica Discente História.com*, Cachoeira, v. 4, n. 8, p. 47-62, 2017. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/index.php/historiacom/article/view/375>
Acesso em 20 fev. 24.

LIMA, R. C. C. *Por Caminhos de Terra e Tinta: a trajetória de Carlota Carvalho, uma escritora nos sertões maranhenses (séculos XIX e XX)*. 2021. 344 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

OLIVEIRA, V. V. *Mulher de letras em relicário de papéis: itinerário de Zalina Rolim na imprensa periódica entre os séculos XIX e XX*. 2021. 454 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

RIBEIRO, C. Chegou a hora de na imprensa apresentarmos: mulheres e os óbices profissionais no jornalismo, no Rio de Janeiro, séc. XIX. *Revista de História*, Rio de Janeiro, n. 181, p. 1-25, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.194296>

SILVA, W. S. *Carlota Carvalho: protagonismo de uma professora e escritora sertaneja do Maranhão*. 2021. 80 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: REMOND, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 231-269.

SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, K. S. *Alba Valdez: a palavra das mulheres na história da literatura e da imprensa cearense*. 2019. 427 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, M. *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 401-442.

ZILBERMAN, R. O jornal e a vida literária brasileira. In: BARBOSA, S. F. P. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. p. 61-91.

Submetido: 27.07.2023.

Aprovado: 07.03.2024.